

RECESSÃO FICOU PARA TRÁS, MAS RECUPERAÇÃO TEM SIDO E SERÁ LENTA

O cenário para o ano que vem é semelhante ao apresentado na segunda metade de 2017

As projeções realizadas no final do ano passado para 2017 antecipavam que a indústria brasileira deveria interromper o ciclo inédito de três anos de queda, pondo fim à maior recessão já registrada.

A fundamentação dessa hipótese se baseava na melhora relativa do ambiente político e na continuidade dos avanços na gestão econômica, principalmente na área fiscal, incluindo outras reformas. Nesse cenário menos desfavorável se comparado aos anos anteriores, a atividade industrial, cuja retração já dava sinais de arrefecimento, entraria em um processo de recuperação cíclica, lenta e gradual, gerando um pequeno crescimento em 2017.

O cenário previsto, em linhas gerais, se confirmou. O quadro político foi mais acirrado do que o imaginado, mas o econômico surpreendeu positivamente. O ambiente político conturbado seguiu gerando incerteza e fragilizando a economia, dado o risco de abandono do processo de reequilíbrio macroeconômico e reformas. No cenário econômico, podemos citar os notáveis avanços gerados pela reorientação da política econômica como a intensa queda da inflação e dos juros, o que possibilitou o início da recuperação da demanda doméstica, sobretudo do consumo e do emprego. No âmbito externo, as condições favoráveis da economia mundial geraram impactos positivos sobre a demanda por exportações industriais brasileiras, com destaque das vendas do setor secundário gaúcho para a Argentina.

O fundo do poço da produção industrial foi atingido no segundo semestre de 2016. De lá até o primeiro trimestre de 2017, oscilando próximo de seu piso histórico, o setor ficou estagnado e a partir do segundo semestre, ainda volátil, passou a mostrar uma ligeira tendência ascendente.

Com isso, a produção industrial brasileira deve registrar crescimento de 1,9% em 2017, enquanto a gaúcha, sem a colaboração do setor extrativo (+6,0% em 2017 no país), deverá expandir menos, 1,4%, mais próximo do ritmo do segmento de transformação nacional (+1,3%). Esses avanços são muito pequenos diante das perdas de 16,7% e 18,5%, respectivamente em três anos, o que mantém ambas em bases muito próximas de seus pisos históricos.

A perspectiva para o ano que vem é a continuidade do processo de recuperação. Os três cenários propostos contam com a expansão da demanda doméstica e, como consequência, da atividade industrial, mudando apenas a intensidade. Há bases para esse moderado otimismo. O consumo doméstico deverá responder mais efetivamente à redução dos juros e à inflação muito baixa. A demanda externa também deve ajudar, com o crescimento da economia mundial, ainda que sem protagonismo. Por outro lado, o calendário eleitoral deverá ser o principal foco de incertezas, o que deverá limitar os investimentos, e, por conseguinte, o crescimento.

No cenário básico, é projetado um crescimento de 3,0% para a produção industrial brasileira e para a gaúcha, em resposta ao maior crescimento econômico do país. A expansão da produção industrial nacional pode chegar a 4,6% no cenário superior, tendo como limite inferior 1,4% se as condições forem mais adversas. No estado, as projeções para o indicador tem como limite superior um incremento de 4,3% e como inferior um aumento de 1,2%.

No mesmo sentido, o Índice de Desempenho Industrial do estado (IDI/RS) deve mostrar uma expansão de 0,6% em 2017, sendo que para 2018, as previsões apontam para um aumento de 3,6%, tendo como limites inferior e superior, respectivamente, 1,7% e 5,6%.

O objetivo principal deste capítulo é mostrar o desempenho das indústrias brasileira e gaúcha em 2017, projetando também o ano seguinte. Para isso serão utilizados os principais indicadores de atividade e de opinião empresarial que fazem um mapeamento completo do setor.

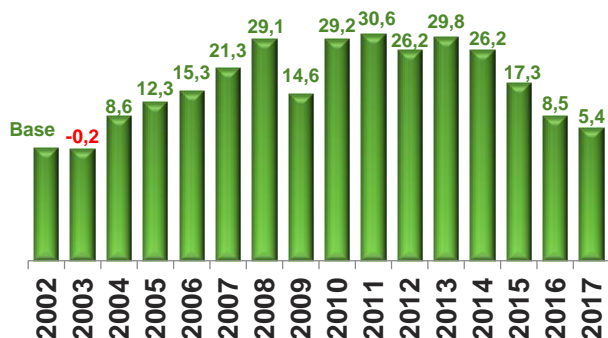
Condições evoluem: recuperação tem início, mas será muito longa e sujeita a riscos

Como já referido, o cenário previsto para a indústria nacional no final de 2016 se materializou e o setor, depois de três anos seguidos de queda, iniciou o processo de recuperação cíclica em 2017.

Mas é importante relativizar esse desempenho em função das quedas recentes. O gráfico a seguir mostra que, apesar de tecnicamente a recessão ter terminado, a “sensação térmica” no setor ainda está muito distante de “aquecida”. Depois de mais de três anos de recuos e estagnação, a indústria nacional produz quase tanto como no distante 2004. No estado, o quadro é ainda mais dramático: o menor nível da série histórica, 9,0% abaixo de 2002. Os mesmos dados mostram quanto falta para a recuperação: 24,0% no Brasil e 23,0% no estado para voltarem aos seus picos pós-2008. Portanto, mesmo com o crescimento deste ano e ao longo do ano que vem, não será possível superar a “sensação térmica” gélida.

Gráfico 3.1. Produção Industrial – Brasil

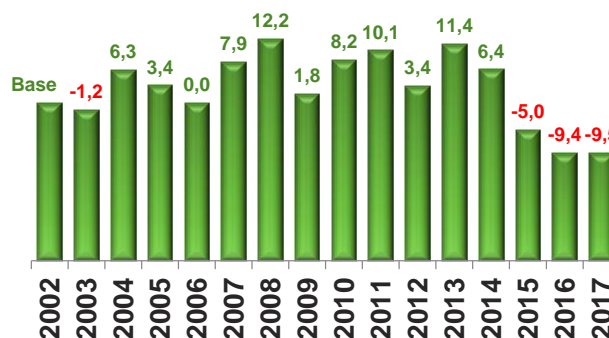
(Média de janeiro a setembro –
Var. % em relação à base)



Fonte: IBGE/PIM-PF. Elaboração: FIERGS/UEE

Gráfico 3.2. Produção Industrial – RS

(Média de janeiro a setembro –
Var. % em relação à base)



Fonte: IBGE/PIM-PF. Elaboração: FIERGS/UEE.

Uma característica é marcante da crise atual em relação às anteriores: a duração tanto da queda quanto da recuperação, que deverá ser muito mais lenta.

A produção industrial brasileira, na crise internacional de 2008, por exemplo, entre o pico em junho e o vale em dezembro do mesmo ano, caiu 21,2% na série ajustada sazonalmente pelo IBGE. A recuperação começou em janeiro de 2009 e, em abril de 2010, o setor já acumulava alta de 24,8%, durando, portanto, 15 meses.

No estado, podemos citar a recessão de 2005/2006 causada por uma forte estiagem. Com início da trajetória de queda em agosto de 2004, a produção industrial estabiliza em março de 2006 e, em julho do mesmo ano, retoma a trajetória de recuperação que se completa em dez meses, no mês de abril de 2007. Já na crise de 2008, a indústria gaúcha cai 22,9% entre setembro e dezembro. A partir de janeiro de 2009, retoma, e um ano depois recompõe quase toda a perda (+26,4%).

Segue-se um longo período de estagnação, entre altas e baixas, e a crise em curso na indústria brasileira, de origem fiscal, inicia em meados de 2013, ganhando força em 2014. No pico em junho de 2013 até o vale em fevereiro de 2016 são 21,3% de retração, e até outubro do

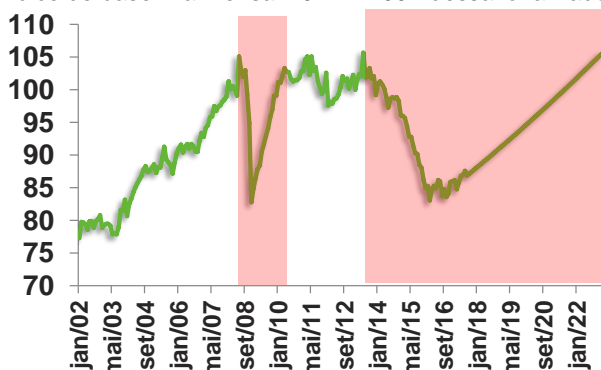
mesmo ano o setor praticamente não tinha saído do fundo poço. A partir de novembro de 2016, a produção inicia um esboço de reação muito lenta e gradual e, em setembro de 2017, última informação disponível, a produção ainda estava 18,0% menor do que o ponto mais alto anterior.

No RS, a evolução da crise atual não foi muito diferente. Em julho de 2013 a produção gaúcha atinge seu pico mais recente, depois de três anos oscilando sem sair do lugar. A partir de então são trinta e três meses até o vale em abril de 2016 (-22,2%). Segue um período de estagnação e de recuperação tímido que perdura até hoje. Em setembro de 2017, a produção estava 21,4% abaixo do mesmo mês de 2014.

Apenas como exercício para entender a profundidade do “poço”, usando a série de dados dessazonalizados, se a produção brasileira dobrasse seu atual ritmo de expansão na margem (em relação ao mês anterior), e passasse a crescer 0,3% por mês (3,7% anuais), próximo do previsto para o ano que vem, recuperaria o nível pré-crise em janeiro de 2023. Na mesma velocidade, a produção gaúcha alcançaria tal patamar em agosto de 2024.

Gráfico 3.3. Produção Industrial – Brasil

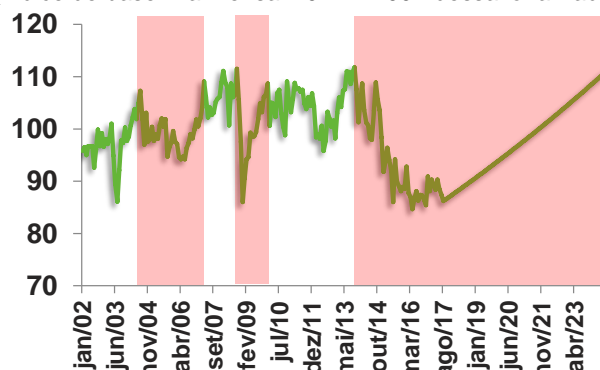
(Índice de base fixa mensal 2012 = 100 - dessazonalizado)



Fonte: IBGE/PIM-PF. Elaboração: FIERGS/UEE.

Gráfico 3.4. Produção Industrial – RS

(Índice de base fixa mensal 2012 = 100 - dessazonalizado)



Fonte: IBGE/PIM-PF. Elaboração: FIERGS/UEE.

Portanto, o que se observa atualmente na indústria brasileira, assim como na gaúcha, é uma recuperação cíclica, ainda em sua fase inicial e distante de um crescimento sustentado.

De fato, em 2017, diversos indicadores voltaram a mostrar sinais de melhora que, mesmo não intensos e generalizados, não constituíram realidade nos três anos anteriores.

Crise ameniza com a economia descolando da política

Esse cenário relativamente mais favorável, mas ainda frágil, é consequência da combinação de diversos fatores econômicos, nos âmbitos internos e externos, e políticos. No campo econômico, a melhora deriva da reorientação da política econômica, embora permaneçam grandes dificuldades de ajustar as contas públicas, e das condições favoráveis da economia global, como demonstram, resumidamente, os fatos a seguir:

a) As reduções dos juros básicos da economia e da inflação. Com o IPCA em setembro de 2,54% no acumulado em doze meses, as expectativas de mercado em 30/10/2017 (mediana das previsões) projetavam para o final do ano de 2017 uma inflação de 3,08%, que deverá ser segunda menor da história. Para 2018, as mesmas expectativas projetam para o IPCA 4,02%, inferior à meta de 4,5%. O processo inflacionário benigno pavimentou o caminho para redução da taxa de juros básica da economia (SELIC) ao longo do ano, saindo de 13,75% em janeiro para 7,5% em outubro, encaminhando para o menor patamar desde 1994. Isso gerou e deve continuar gerando um impacto positivo, principalmente no consumo.

b) A geração de emprego. Segundo o Cadastro Geral de Admitidos e Demitidos (CAGED), entre janeiro e setembro, o país acumulou a abertura de 208,9 mil vagas com carteira assinada. A perda ainda é alta no acumulado em 12 meses (-466,7 mil), o que deve levar ao terceiro ano seguido de queda, mas fica relativamente menos negativa a cada mês. A taxa de desemprego no Brasil caiu para 12,6% no trimestre encerrado em agosto de 2017. Desde o pico de 13,7% no trimestre até março, já são 5 quedas consecutivas. Isso também gerou e deve continuar gerando um impacto positivo na produção de bens de consumo.

c) A volta do consumo doméstico. É o principal fator responsável pela retomada da indústria brasileira. Com o retorno do emprego, o aumento do poder de compra das famílias oriundo da redução da inflação e dos juros abriu espaço para a reação do consumo doméstico, que voltou a expandir depois de três anos de queda, quando acumulou perdas de quase 18,0%. Iniciado em maio de 2017, o crescimento volume de vendas no comércio varejista ampliado registra um acumulado de 1,9% em 2017 até setembro, contando também com a liberação do FGTS. De uma forma geral, o ritmo ainda é muito lento e segue, juntamente com os investimentos, sendo um dos principais entraves do setor industrial brasileiro.

d) A volta da confiança do industrial. Em agosto do ano passado, a confiança retornou ao setor, depois de quase três anos, e continuou evoluindo em 2017, correlacionada positivamente com o ambiente político e a melhora do cenário econômico. Vale destacar que, segundo a Sondagem Industrial do Brasil (CNI), diferentemente de 2016, quando a confiança era baseada apenas nas expectativas, em 2017, os industriais brasileiros voltaram a perceber melhora nas condições atuais dos negócios, o que não ocorria desde novembro de 2012. A confiança, contudo, não aumentou mais devido às dificuldades do governo no campo fiscal e na aprovação das reformas estruturais, além da incerteza com as eleições em 2018, o que deve manter os investimentos do setor em patamares reduzidos.

e) Sinais de melhora nos investimentos. Depois de três anos de quedas seguidas, o aumento da produção de bens de capital é uma indicação animadora, em que pese o baixíssimo nível depois do referido período. No acumulado de janeiro a setembro, o indicador cresceu 4,4%, principalmente sob o efeito da demanda gerada pela safra recorde e pela demanda externa. A Sondagem Industrial do Brasil (CNI) revela uma baixa intenção de investir do setor nos próximos meses, o que indica, que nesse estágio inicial da recuperação econômica, não há necessidade de investimentos. Isso se deve, em parte, porque a ociosidade é elevada, mas também pela incerteza quanto aos próximos anos, destacando que a consolidação do processo não ocorrerá sem uma reação mais forte dos investimentos.

f) A ajuda das exportações. O cenário econômico global favorável também tem sua influência na trajetória de recuperação do setor em 2017. As exportações industriais brasileiras deixaram para trás cinco anos de queda e voltaram a crescer: 19,9% de janeiro a outubro de 2017 relativamente ao mesmo período do ano passado. A Argentina, em aceleração econômica, ajudou a ampliar o desempenho industrial brasileiro e gaúcho. No estado, sem o setor de extrativismo mineral, o desempenho das exportações industriais foi bem mais modesto: +5,6%.

g) No campo político, 2017 se resumiu em mais um ano de grandes instabilidades, cujas indefinições atrapalharam muito o andamento das reformas, principalmente a da Previdência, mas não impediram avanços importantes, com destaque para o teto dos gastos públicos, a reforma trabalhista e a nova taxa de juros de longo prazo (TLP).

Além das questões políticas, as restrições ao melhor desempenho do setor em 2017 foram basicamente a demanda interna insuficiente (investimentos e consumo), que, a despeito do crescimento apresentado, continuaram em níveis muito baixos. Além disso, os empresários industriais, segundo a Sondagem Industrial do Brasil (CNI), avaliaram que a elevada carga tributária, as taxas de juros, a inadimplência dos clientes, a falta de capital de giro, a competição

desleal e o alto custo da matéria-prima foram os principais problemas enfrentados pela indústria brasileira em 2017.

O cenário para o ano que vem é semelhante ao apresentado na segunda metade de 2017, ou seja, com a continuidade do processo de recuperação cíclica, lenta e gradual, respondendo mais efetivamente à política monetária expansionista, mas, limitado, assim como toda economia, pelo cenário político indefinido e pela elevada capacidade ociosa. A ausência de estoques excessivos, que foi durante anos uma restrição importante ao desempenho do setor, é mais um elemento positivo. As expectativas dos empresários brasileiros de um futuro menos sombrio para a economia brasileira e para as empresas também são indícios relevantes que sustentam tal prognóstico.

Assim, as expectativas para a indústria brasileira são pouco mais otimistas, mas ainda com taxas modestas. O ano que vem já começaria com um carregamento estatístico pouco relevante (+0,7%) para a produção industrial do Brasil e negativo (-2,5%) para a do estado, que deverão apresentar recuperação mais expressiva nos próximos meses, crescendo ambas 3,0% em 2018.

Os riscos para a consolidação do ciclo de recuperação do setor no médio e longo prazo são principalmente dois: a degradação fiscal e o cenário político, que estão interligados e com potencial para afetar negativamente a economia, ainda que não o suficiente para impedir um novo crescimento em 2018.

De fato, três anos depois de ter provocado a pior recessão econômica da história, a situação fiscal do país ainda é de extrema gravidade, a despeito dos esforços do governo atual em ajustá-la. Por isso, os riscos também devem vir do lado político, pois dele dependem o ajuste fiscal e as reformas, cuja probabilidade de sucesso não é grande, dados os atuais níveis de popularidade do Presidente da República e a aproximação do calendário eleitoral. Nesse cenário, as eleições de 2018 também adicionam ingredientes de incertezas sobre a condução da política econômica, pois, até o momento, não é claro o posicionamento dos candidatos.

O ajuste fiscal e as reformas estruturais são inadiáveis e necessários para o retorno dos investimentos e a continuidade do crescimento da economia brasileira. Sem eles, os riscos fiscais aumentarão e o ciclo de recuperação em curso será mais um de "voo de galinha", trazendo de volta o cenário de crise econômica, sobretudo para depois de 2018.

Indústria brasileira em 2017: sinais positivos retornam depois de três anos

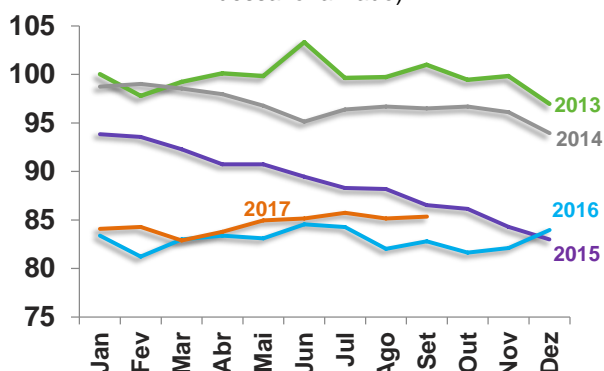
Os primeiros sinais de recuperação da indústria nacional, massacrada durante a recessão econômica, começaram a ser percebidos no final do ano passado. O ano de 2017 pode ser dividido em dois períodos, ambos muito voláteis: um de estagnação, que perdurou até o primeiro trimestre de 2017, e outro de lenta tendência positiva, a partir do segundo trimestre, quando sinais positivos passaram a se multiplicar, e que ainda está em curso. Nada, nem de perto, que reverta as abissais perdas da recessão recorde, com praticamente todos os indicadores muito próximos de suas mínimas históricas, operando, como já demonstrado, nos níveis do início do século.

Os dois principais indicadores conjunturais de desempenho da indústria brasileira, a produção (PIMPF/IBGE) e o faturamento real (Indicadores Industriais CNI) mostram evoluções semelhantes, mesmo não apresentando níveis e movimentos idênticos em todos os meses.

De acordo com as séries de dados dessazonalizados, os dois começam a registrar, em 2017, patamares acima do ano anterior pela primeira vez desde 2013. Os números confirmam que a recuperação é gradual e não linear. A produção inicia a recuperação no final do ano passado e o faturamento real começa o processo no início de 2017.

Gráfico 3.5. Produção Industrial – Brasil

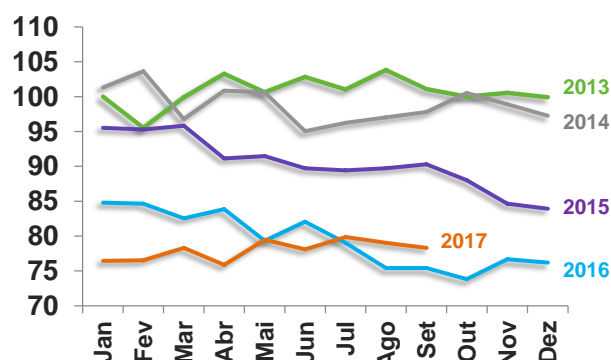
(Índice de base fixa mensal Jan/2013 = 100 - dessazonalizado)



Fonte: IBGE/PIM-PF. Elaboração: FIERGS/UEE.

Gráfico 3.6. Faturamento Real – Brasil

(Índice de base fixa mensal Jan/2013 = 100 - dessazonalizado)



Fonte: CNI/Indicadores Industriais do Brasil. Elaboração: FIERGS/UEE.

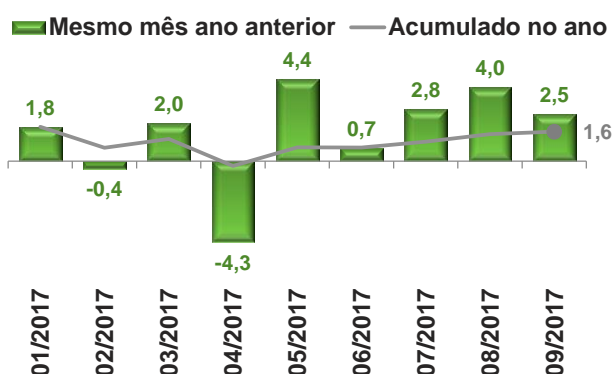
A métrica interanual, menos volátil do que a comparação mensal, mostra o mesmo quadro: a indústria brasileira inicia o ano ainda em queda e o processo de recuperação se torna mais evidente a partir de maio.

Com uma herança estatística positiva de 2016, a produção industrial iniciou o ano acima dos patamares do ano passado, mas a tendência crescente não se sustenta e a taxa volta a decrescer, chegando a ficar nula no acumulado em abril. De maio a setembro, último dado disponível, a recuperação ganha força, levando o saldo de janeiro a setembro de volta ao campo positivo: 1,6%.

O faturamento real, com um efeito carregamento bastante negativo de 2016 (-4,1%), inicia o ano em forte queda de 7,2%, que se intensifica e chega a 10,4% em abril, no acumulado do ano. Em maio, o indicador registrou a primeira expansão mensal interanual desde março de 2015, repetindo-a em três dos quatro meses seguintes, insuficiente, porém, para anular o efeito estatístico do início do ano no campo negativo, mas o bastante para desacelerar a queda acumulada em setembro para 2,9%. Nesse ritmo, deve encerrar o ano próximo de zero.

Gráfico 3.7. Produção Industrial – Brasil

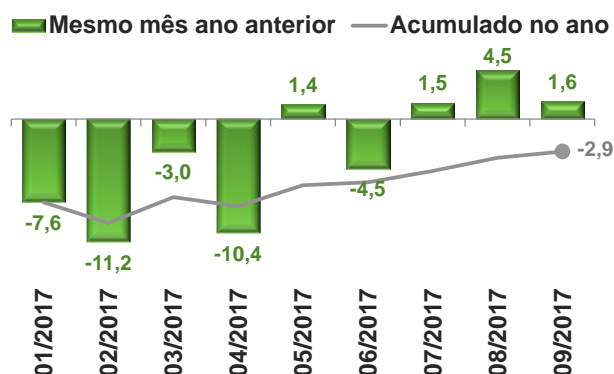
(Var. % em 2017)



Fonte: IBGE/PIM-PF. Elaboração: FIERGS/UEE.

Gráfico 3.8. Faturamento Real – Brasil

(Var. % em 2017)

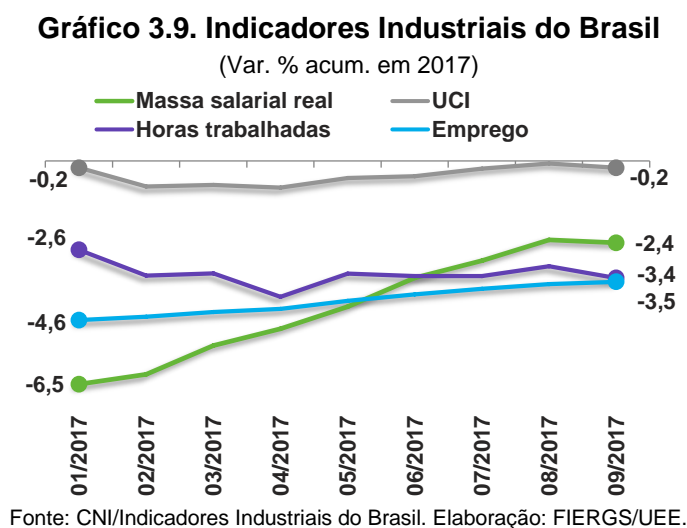


Fonte: CNI/Indicadores Industriais do Brasil. Elaboração: FIERGS/UEE.

A despeito do aumento da produção, todos os indicadores divulgados pela CNI ainda revelam quedas, alguns, como o faturamento real, já referido, sinalizam melhora. É natural que os dados divirjam em momentos de virada do ciclo econômico.

A ociosidade continua elevada. A utilização da capacidade instalada (UCI) ficou praticamente estável de janeiro a setembro (-0,2%), no nível mais baixo da série histórica iniciada em 2003. Por sua vez, as horas trabalhadas na produção intensificaram a queda ao longo do ano, que, em setembro, chegou a 3,4%.

A indústria brasileira também continuou a demitir em 2017. Embora já sinta os efeitos positivos na margem, o emprego, normalmente defasado em relação ao ciclo, ainda não responde no mesmo ritmo da produção e segue desaquecido, mostrando queda anual de 3,5%, enquanto a massa salarial real, mesmo que influenciada pela forte redução da inflação, caiu 2,4%.



Na análise por categorias de uso, classificação que leva em conta a que se destina o produto, possível apenas para a variável de produção, a retomada é generalizada.

No acumulado do ano até setembro, o setor de bens de consumo duráveis puxa a produção industrial para cima mais uma vez, com alta de 11,7%, impulsionado pelo aumento da produção de automóveis (+19,1%) e de eletrodomésticos (+10,3%). A recuperação do consumo das famílias é o principal vetor responsável pelos números positivos do segmento, com a diminuição dos juros, da inflação e da melhora do mercado de trabalho e do crédito.

A produção de Bens de capital aumentou 4,5% no mesmo período, um indicativo positivo para os investimentos, com crescimento em todos os subcomponentes: Equipamentos de transporte (+4,7%), para uso misto (+17,1%), para construção (+32,8%) e agrícola (+9,6%), efeito da demanda gerada pela safra recorde, juntamente com a maior exportação, principalmente de caminhões e ônibus.

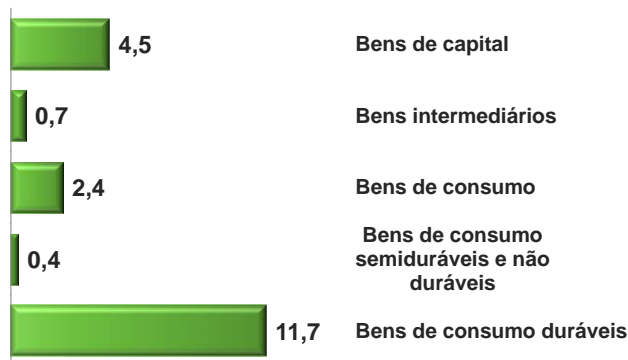
Vale destacar, novamente, o patamar extremamente deprimido, uma vez que nos últimos três anos esses dois segmentos acusaram recuos de 36,6% e de 39,5%, respectivamente, estando nos nove primeiros meses do ano em níveis próximos a 2005.

A produção de Bens intermediários foi influenciada pela evolução da indústria como um todo, pois são fornecedores de insumos, matérias-primas e peças e acessórios. Nesse sentido, sua expansão de apenas 0,7% de janeiro a setembro evidencia o ritmo lento do atual ciclo de recuperação do setor. De janeiro a setembro de 2017 na comparação com o mesmo período do ano passado, o segmento foi influenciado positivamente pela maior produção de Alimentos e bebidas básicos destinados à indústria (+1,7%), Insumos industriais básicos (+9,2%), combustíveis e lubrificantes básicos (+3,2%) e Peças e acessórios para equipamentos de transporte (+8,3%).

A categoria mais influenciada pelo poder de compra dos consumidores teve o desempenho mais modesto. No conjunto, a produção dos Bens de consumo semiduráveis e não duráveis registrou aumento de 0,4% nos primeiros nove meses do ano. O importante segmento de Alimentos e bebidas básicos ficou estável, o de elaborados aumentou 0,5%, enquanto a fabricação de gasolina para automóveis caiu 1,2% no período.

Gráfico 3.10. Produção Industrial – Categorias de Uso – Brasil

(Var. % acum. em 2017 até setembro)



Fonte: IBGE/PIM-PF. Elaboração: FIERGS/UEE.

A desagregação ainda maior da produção da indústria, numa perspectiva setorial, revela um quadro distinto, mas com o predomínio de taxas positivas no ano: 16 dos 26 setores pesquisados.

No acumulado de janeiro a setembro de 2017, frente a igual período do ano anterior, a principal influência positiva foi de Veículos automotores, reboques e carrocerias (+14,8%), que responde por quase 60% do crescimento da taxa geral, devido, principalmente, à maior produção de automóveis, caminhão-tractor para reboques e semirreboques, veículos para transporte de mercadorias, caminhões e autopeças. O principal vetor é a recuperação da atividade econômica, embalada pelo aumento nas vendas nos mercados interno e externo e também pela volta da confiança dos empresários e dos consumidores.

A indústria Extrativa (+6,1%), influenciada por minérios de ferro, óleos brutos de petróleo e gás natural, deu a segunda maior contribuição, sustentada, em boa parte, pelo aumento das exportações.

Outras atividades também foram importantes para o desempenho positivo da indústria brasileira no ano. O setor de Equipamentos de informática, produtos eletrônicos e ópticos cresceu 20,3% a partir da recuperação do consumo interno, do aumento da confiança do consumidor, da diminuição dos juros e da inflação e da melhora do mercado de trabalho e do crédito, contando também com a liberação do FGTS.

A Metalurgia nacional (+2,4%), por sua vez, enfrenta dificuldades no segmento atrelado à construção civil (aços longos), reflexo do mau desempenho do setor, enquanto para a produção de aços planos, usados principalmente em setores como o automobilístico, o de eletrodomésticos e o de máquinas e equipamentos, o cenário é mais favorável e sustentou a expansão. O mercado externo também deu uma contribuição positiva, com o incremento de 13,7% das exportações no período.

Já no setor de Máquinas e equipamentos (+2,8%), com a safra recorde, houve a necessidade de renovação da frota e de maior armazenagem, aumentando a demanda por equipamentos mais modernos. Como resultado, o setor foi impulsionado pelo segmento de

máquinas agrícolas, que cresceu 15,0% no período. A incerteza gerada pelas condições políticas e a elevada ociosidade continuam a limitar o desempenho de outros segmentos de máquinas.

O setor de tabaco (+22,9%) refletiu a expansão da safra agrícola. Vestuário e acessórios (+4,6%) e Têxteis (+5,1%) foram favorecidos pela queda da inflação, dos juros e a liberação do FGTS, enquanto Borracha e plásticos (+2,9%), como fornecedor de vários setores, repercutiu a reação da indústria brasileira.

Por outro lado, a principal influência negativa partiu da indústria de Coque, derivados do petróleo e biocombustíveis (-5,4%), pressionada pelo aumento da importação de combustíveis, substituindo os produtos nacionais, apesar do aumento das exportações no período.

Vale destacar também as quedas na produção de Farmoquímicos e farmacêuticos (-7,2%), que sofre os impactos do alto nível de desemprego e do menor poder de compra da população, assim como do contingenciamento do orçamento federal na área de saúde; de Outros equipamentos de transporte (-12,5%), que repercute a crise econômica na produção de aviões e motocicletas; e de Máquinas, aparelhos e materiais elétricos (-6,2%) que depende dos investimentos.

Na tabela 3.1 são mostrados os resultados setoriais, para o ano de 2017, dos principais indicadores de conjuntura divulgados para a indústria brasileira. Nela é possível perceber claramente o perfil disperso.

Tabela 3.1. Indicadores conjunturais da indústria do Brasil – Setores

(Var. % acum. em 2017 até setembro)

	Faturamento real	Horas trabalhadas na produção	UCI *	Emprego	Massa salarial real	Produção
Extrativa	-	-	-	-	-	6,1
Alimentos	-6,7	-3,0	-0,1	-2,7	-6,4	0,1
Bebidas	-6,4	-6,5	1,5	-2,0	4,6	-0,6
Tabaco	-	-	-	-	-	22,9
Têxteis	0,5	-0,3	1,5	-0,8	6,7	5,1
Vestuário e acessórios	1,0	-3,0	0,3	-3,2	-1,6	4,6
Couros e calçados	-0,7	-5,4	-1,9	-2,2	-3,9	1,6
Produtos de Madeira	-7,1	2,6	0,0	2,0	1,9	0,0
Celulose, papel e produtos de papel	-2,6	-3,1	-0,8	-0,3	3,8	2,5
Impressão e Reproduções de gravações	-38,7	-12,8	0,5	-6,3	-5,6	-10,3
Derivados de petróleo e biocombustíveis	1,3	-6,3	1,7	-4,6	7,0	-5,4
Químicos	0,6	-3,0	-1,4	0,2	-2,4	-
Outros produtos químicos	-	-	-	-	-	-1,2
Farmacêuticos	2,5	-1,2	-1,3	2,6	4,1	-7,2
Sabões, detergentes, prods de limpeza, cosm, perfu	-	-	-	-	-	1,7
Borracha e de material plástico	3,0	3,4	0,1	-2,0	-2,6	2,9
Minerais não metálicos	-0,7	-5,5	-0,8	-9,3	-3,1	-3,5
Metalurgia	-0,2	2,0	-0,3	-3,3	-2,6	2,4
Produtos de metal	2,9	-7,0	-0,8	-5,6	-10,0	-2,3
Equip. inform, prod. eletrônicos e óticos	-	-	-	-	-	20,3
Máquinas, aparelhos e mat. elétricos	1,8	-5,6	-0,5	-3,5	3,5	-6,2
Máquinas e equipamentos	5,4	-3,5	-0,3	-4,4	0,7	2,8
Veículos automotores	-3,8	-1,4	-0,1	-5,9	-8,4	14,8
Outros equipamentos de transporte	-42,5	-20,4	-0,2	-16,0	-2,6	-12,5
Móveis	-4,0	-1,4	-0,4	-1,6	3,2	1,8
Produtos diversos	27,4	-0,7	-0,7	-2,5	-10,0	4,5
Manutenção, rep. e inst. de máquinas e equipam.	-	-	-	-	-	6,4
Indústria de transformação	-2,9	-3,0	-0,2	-3,4	-2,4	0,9
Indústria geral	-	-	-	-	-	1,6

* Em pontos percentuais

Fonte: CNI/Indicadores Industriais do Brasil e IBGE/PIM-PF. Elaboração: FIERGS/UEE.

Indústria gaúcha segue o padrão nacional

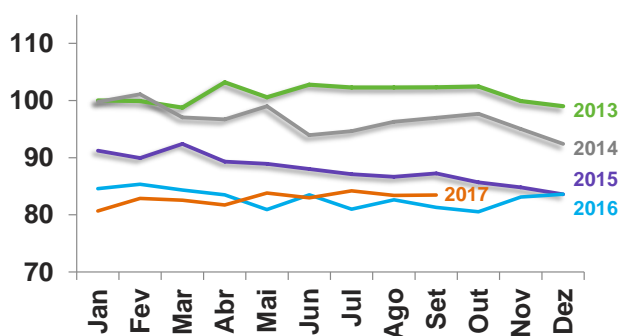
A dinâmica da atividade industrial no estado vem sendo bastante semelhante à apresentada pela brasileira, sendo que em qualquer métrica adotada, os sinais de retomada do setor já são percebíveis.

A evolução dos indicadores de conjuntura da indústria gaúcha na margem (em relação ao mês anterior) mostra que o setor, depois de atingir o fundo do poço no primeiro semestre de 2016, entrou num período de estagnação, iniciando o processo de retomada vagarosa no final do ano passado, o que deixou uma herança estatística positiva para a produção (+3,8%) e para o IDI/RS¹ (+0,9%) para 2017.

A manutenção da tendência ligeiramente ascendente e volátil em 2017 permitiu, pela primeira vez desde o início de 2014, índices de nível de produção e de atividade acima, ainda que muito próximos de suas mínimas históricas, do ano anterior.

Gráfico 3.11. Índice de Desempenho Industrial (IDI/RS)

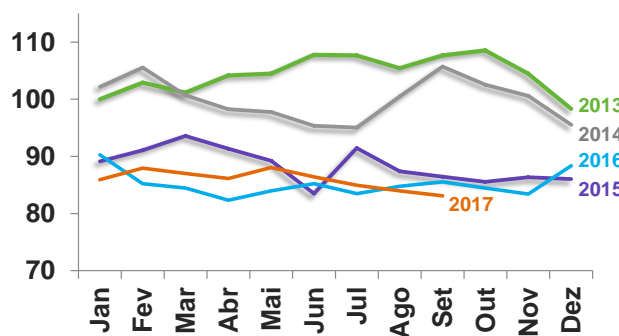
(Índice de base fixa mensal jan/2013=100 dessazonalizado)



Fonte: FIERGS/Indicadores Industriais do RS.

Gráfico 3.12. Produção Industrial - RS

(Índice de base fixa mensal jan/2013=100 dessazonalizado)



Fonte: IBGE/PIM-PF. Elaboração: FIERGS/UEE.

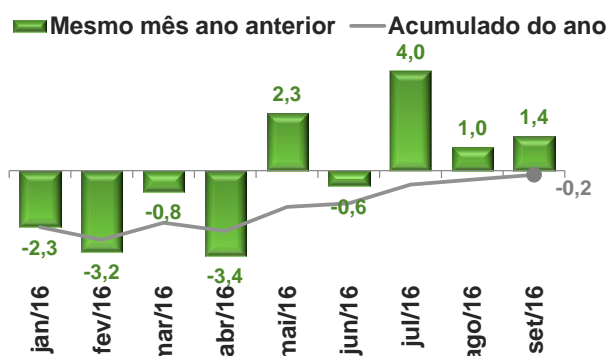
Os indicadores mais longos, usados para medir tendências, reforçam a ideia de recuperação do setor muito lenta e ainda incipiente. De fato, a trajetória dos dois indicadores na margem impôs taxas anuais muito próximas da estagnação.

Em maio de 2017, na relação com o mesmo mês do ano anterior, o IDI/RS mostrou a primeira taxa positiva em 38 meses. Também nessa métrica, os números comprovam que o setor industrial gaúcho passou de longe pela maior crise de sua história. A duração das duas maiores recessões até então, provocadas pela estiagem de 2005/2006 e pela crise internacional de 2008, foram de 19 e de 13 retrações mensais seguidas, respectivamente.

O IDI/RS segue registrando crescimento interanual em três dos quatro meses seguintes a partir de maio, desacelerando o acumulado do ano que, em abril era de -2,4%, para -0,2% em setembro.

¹ O Índice de desempenho da indústria gaúcha (IDI/RS) leva em conta a trajetória de seis variáveis consideradas como indicadores para o desempenho do setor (faturamento real, compras industriais, horas trabalhadas na produção, utilização da capacidade instalada (UCI), emprego e massa salarial real).

Gráfico 3.13. Índice de Desempenho Industrial do Rio Grande do Sul – IDI/RS
(Var. % em 2017)



Fonte: Indicadores Industriais do RS. Elaboração: FIERGS/UEE.

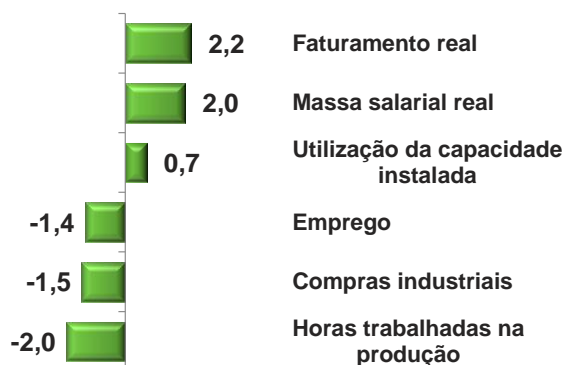
A trajetória de estabilidade descrita pelo IDI/RS sintetiza resultados divergentes de seus componentes. Em alguns casos, registraram negativos nas comparações anuais, mas todos com tendência ascendente, padrão típico das fases iniciais de ciclos de recuperações, como o atual.

O faturamento e a massa salarial, em termos reais, já alcançaram o terreno positivo no ano: cresceram 2,2% e 2,0% nos primeiros nove meses de 2017, na comparação com o mesmo período do ano passado. Da mesma forma, a utilização da capacidade instalada (UCI) atingiu 79,3% na média de janeiro a setembro, aumentando 0,7 p.p. na mesma base de comparação.

As compras industriais, por outro lado, ainda registram queda real de 1,5% no acumulado do ano encerrado em setembro. Já o emprego caiu 1,4% e as horas trabalhadas na produção recuaram 2,0%.

Gráfico 3.14. Indicadores Industriais do Rio Grande do Sul

(Var. % acum. em 2017 até setembro)

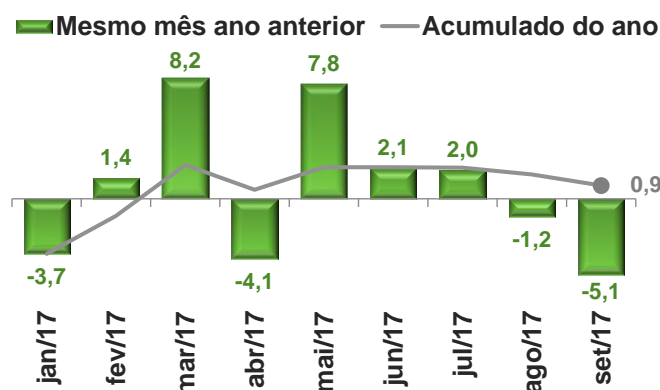


Fonte: FIERGS/Indicadores Industriais do RS.

A produção industrial mostrou uma recuperação mais intensa, mas nos últimos meses, por questões pontuais, voltou a cair. Iniciou o ano em queda e mostrou o primeiro crescimento interanual em março, mantendo a tendência em três dos quatro meses seguintes. Em julho de 2017, a produção gaúcha exibiu crescimento acumulado de 2,1%, mas nos meses de agosto e setembro voltou a cair, reduzindo a taxa positiva para 0,9%.

Gráfico 3.15. Produção Industrial do Rio Grande do Sul

(Var. % em 2017)



Fonte: IBGE/PIM-PF. Elaboração: FIERGS/UEE.

A análise da evolução setorial no ano de 2017 também revela desempenhos díspares entre os diversos segmentos e variáveis, depois de três anos de perdas generalizadas.

Isoladamente, a indústria de Tabaco lidera a recuperação da produção industrial gaúcha em 2017. O setor possui características particulares e é fortemente voltado ao mercado externo. A produção cresceu 38,5% e o nível de atividade aumentou 17,2% nos primeiros nove meses de 2017, na comparação com o mesmo período do ano passado, em função do aumento da safra 2016/2017 de 27,4%. O faturamento real do setor ainda mostra queda de 7,0% no ano, impactado pela redução de 9,0% das exportações em dólar, mas que já mostra forte reação das vendas externas nos meses de setembro e outubro.

O setor de Veículos automotores, reboques e carrocerias aumentou a produção em 1,2% nos primeiros nove meses de 2017, ante o mesmo período do ano passado, por conta do aumento da demanda doméstica e pelo desempenho robusto das exportações. O faturamento real do setor cresceu 7,5%. Porém, o IDI, do setor no mesmo período, ainda é negativo em 1,4%, impactado pelas quedas das horas trabalhadas na produção (-14,8%) e pelo emprego (-7,1%). Vale lembrar ainda que o segmento foi afetado em setembro por um incêndio na planta de importante empresa do setor no estado.

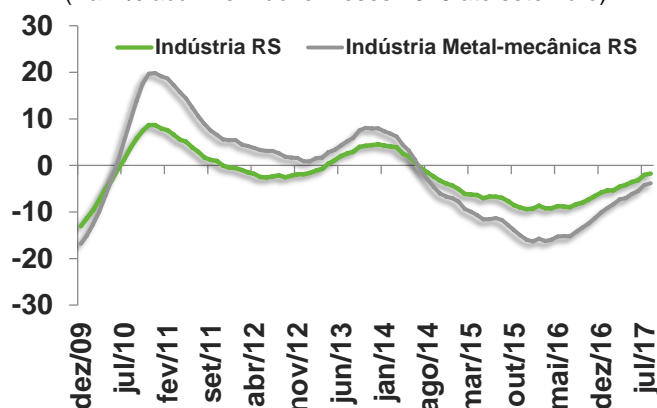
Já a produção do setor de Máquinas e equipamentos (+0,8%) repercute o crescimento dos investimentos no país, concentrado, porém, no segmento agrícola. O IDI setorial aumentou 2,7%, puxado pelo forte crescimento do faturamento (+10,6%) e das compras industriais (+12,3%).

O setor de Produtos de metal mostrou crescimento em todas as variáveis, em resposta ao crescimento dos dois setores anteriores, já que integra a cadeia produtiva. O aumento das exportações em 26,7% no ano também ajudou. A produção aumentou 9,5% e o IDI, 5,2%, com destaque para as compras industriais (+16,3%) e o faturamento real (+4,0%).

A Metalurgia gaúcha foi mais um setor cujos indicadores apresentaram resultados díspares em 2017. O destaque foi o faturamento real com forte expansão, de 31,6%. A produção caiu 0,5% e o IDI aumentou 3,2%. As exportações gaúchas aumentaram 56,5% de janeiro a outubro. No mercado doméstico, o segmento voltado à indústria automotiva, de linha branca e equipamentos cresce, enquanto o segmento fornecedor da construção civil e de infraestrutura recua.

Gráfico 3.16. Índice de Desempenho Industrial – RS e Metalmeccânico

(Var. % acum. em doze meses 2016 até setembro)



Fonte: FIERGS/Indicadores Industriais do RS.

O setor de Bebidas do estado, com crescimento de 10,8%, fornece o terceiro maior impacto positivo na produção industrial gaúcha, impulsionado pelo segmento de vinhos, que se recupera da queda do ano passado por conta da forte redução da safra da uva.

Os setores de Têxtil e de Vestuários, analisados somente pela pesquisa da FIERGS, também registraram crescimento: 5,3% e 5,5%, respectivamente, com o avanço do comércio varejista. A recuperação desses segmentos, entretanto, é ameaçada pela concorrência de importados, que aumentaram respectivamente, 15,4% e 24,8% nos primeiros nove meses de 2017 na comparação com o mesmo período do ano passado.

Por fim, o nível de atividade de químicos e refino de petróleo (+0,4%), setor de grande peso na estrutura da indústria gaúcha, ficou praticamente estável, influenciado negativamente pelo segmento de refino de petróleo, cuja produção reduziu 8,0% pelo motivo já referido.

O resultado negativo mais importante de 2017 vem do setor de Alimentos. A produção caiu 4,0%, muito por conta da redução do consumo doméstico, atrelada a uma menor renda das famílias, principalmente no consumo de carnes, e aos efeitos da “operação Carne Fraca” e ao recuo das exportações (-2,0%). O IDI recuou 2,7%, ainda que o faturamento tenha aumentado 7,3%, recuperando parte da forte retração do ano passado de 18,6%.

O setor Coureiro-calçadista também apresentou queda dos dois indicadores: -4,1% na produção e -1,6% no IDI/RS. Vale destacar que o segmento é pressionado pelo subsetor de Couros e artefatos de couros, cuja atividade recuou 23,8%. O segmento de Calçados gaúcho, por outro lado, aumentou o faturamento em 5,5% e a atividade em 0,9%, com o maior consumo doméstico, apesar do inverno pouco rigoroso.

A produção industrial gaúcha em 2017 ainda vem sendo impactada negativamente pelo setor de Celulose, papel e produtos de papel (-14,8%), cujo desempenho foi afetado por uma longa e inesperada parada para manutenção da maior empresa do setor no estado, derrubando as exportações em 22,8% no ano. A normalização das operações da empresa, em novembro, deve gerar uma recuperação nos próximos meses.

O setor Moveleiro gaúcho foi um dos que mais sofreu com a recessão e vem lentamente se recuperando. A produção em 2017 caiu 2,6%, o faturamento 3,1% e o nível de atividade 2,0%, devido à fraca demanda interna. O comércio varejista de móveis caiu 7,7% no Brasil, enquanto as vendas externas aumentaram 6,1%.

A tabela a seguir mostra os resultados setoriais para os principais indicadores de conjuntura divulgados para a indústria do Rio Grande do Sul.

Tabela 3.2. Indicadores Conjunturais da Indústria do RS - Setores

(Var. % acum. em 2017 até setembro)

	Faturamento real	Compras industriais	UCI	Horas trabalhadas na produção	Emprego	Massa salarial	IDI	Produção
Alimentos	7,3	-12,2	-2,5	-2,5	-2,7	-1,2	-2,7	-4,0
Bebidas	-5,7	-17,7	1,2	-5,1	1,4	-5,7	-4,7	10,8
Tabaco	-7,0	6,3	-	29,3	27,9	18,5	17,2	38,5
Celulose, papel e produtos de papel	-	-	-	-	-	-	-	-14,8
Têxteis	0,3	12,7	6,4	1,9	3,4	5,7	5,3	-
Vestuário e acessórios	1,0	8,6	4,6	7,9	3,0	3,5	5,5	-
Couros e calçados	-0,2	-5,6	0,2	-0,9	-0,3	0,1	-1,6	-4,1
Couros	-17,9	-40,6	-5,7	-17,5	-13,9	-7,7	-23,8	-
Calçados	5,5	0,5	0,6	0,0	0,4	0,4	0,9	-
Produtos de Madeira	-24,6	-14,0	-3,7	12,8	6,1	-7,1	-7,3	-
Impressão e Reproduções de gravações	-7,7	-12,9	-	-12,8	-10,9	2,0	-8,7	-
Químicos, der. de petróleo e biocomb.	-8,6	1,0	4,4	2,7	4,2	6,7	0,4	-
Derivados de petróleo e biocomb.	-	-	-	-	-	-	-	-8,0
Outros produtos químicos	-	-	-	-	-	-	-	1,2
Borracha e de material plástico	-1,2	-19,3	1,2	8,4	-1,9	1,9	-0,9	3,3
Borracha	0,6	-28,8	2,0	5,1	-1,2	5,3	-0,4	-
Minerais não-metálicos	-	-	-	-	-	-	-	-1,1
Metalurgia	31,6	5,9	0,9	-8,3	-7,0	-0,6	3,2	-0,5
Produtos de metal	4,0	16,3	2,7	0,9	3,4	6,9	5,2	9,5
Equip. inform. prod. eletrônicos e óticos	7,3	10,2	0,6	0,2	-5,5	-8,3	2,8	-
Máquinas, aparelhos e mat. elétricos	-10,0	9,4	-1,8	-5,3	-6,8	-0,6	-2,9	-
Máquinas e equipamentos	10,6	12,3	-2,6	-7,4	-3,5	3,3	2,7	0,8
Máquinas agrícolas	16,0	19,0	9,6	1,0	5,1	12,9	12,4	-
Veículos automotores	7,5	2,9	0,6	-14,8	-7,1	5,6	-1,4	1,2
Móveis	-3,1	-6,1	3,3	-7,4	-4,1	0,8	-2,0	-2,6
Indústria total	2,2	-1,5	0,6	-2,0	-1,4	2,0	-0,2	0,9

Fonte: IBGE/PIM-PF e FIERGS/Indicadores Industriais do RS. Elaboração: FIERGS/UEE.

A opinião dos empresários gaúchos confirma a melhora do cenário

O diagnóstico de que o setor industrial gaúcho deixou para trás a maior crise da história recente e, atualmente, está na fase inicial de um processo de recuperação, é reforçado pela avaliação dos empresários gaúchos, captada pela Sondagem Industrial do RS em 2017.

De fato, a confiança da indústria gaúcha foi mais um sinal positivo para o setor em 2017 e as expectativas dos empresários de um futuro menos sombrio para a economia brasileira e para as empresas são indícios relevantes que sustentam o prognóstico de sua continuidade.

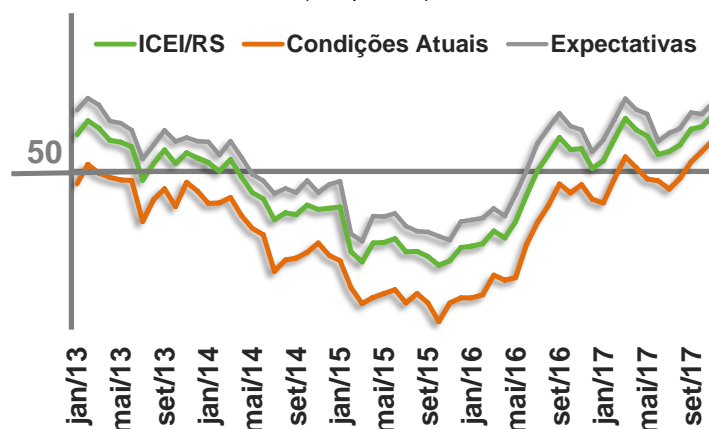
O Índice de Confiança do Empresário Industrial gaúcho (ICEI/RS) permaneceu ao longo do ano todo acima dos 50 pontos, revelando a presença de confiança e atingindo, em novembro, os 59,0 pontos, o maior valor desde março de 2011. A instabilidade política mais uma vez contaminou o desempenho do índice, principalmente no episódio da delação do grupo JBS que envolveu o Presidente da República, o que evidencia também a compreensão dos empresários gaúchos sobre a importância da estabilidade política para o avanço das reformas, do ajuste fiscal e para a consolidação do processo de retomada da economia brasileira.

Diferentemente de 2016, quando a melhora da confiança era baseada principalmente no componente de expectativas, em 2017 o ambiente econômico mais favorável foi confirmado pela evolução do Índice de condições atuais. Em março de 2017, aos 52,3 pontos, revelou melhora (acima 50 dos pontos) pela primeira vez desde fevereiro de 2013. Em novembro de 2017, o índice atingiu o maior valor desde outubro de 2010: 55,0 pontos.

Já as expectativas dos empresários gaúchos, o principal componente da confiança, oscilaram correlacionadas positivamente com a conjuntura política. Acima dos 50 pontos desde a metade do ano passado, entre períodos de crescimento e queda, o índice alcançou 60,9 pontos em novembro, o que revela um otimismo moderado, compatível com as perspectivas de manutenção da recuperação cíclica em curso.

Vale ressaltar que o otimismo dominante se baseia numa suposição: a sequência do ajuste da economia brasileira e das reformas estruturais, o que vai a depender das eleições.

Gráfico 3.17. Índice de Confiança do Empresário Industrial do RS
(Em pontos)



Fonte: FIERGS/Sondagem Industrial do RS.

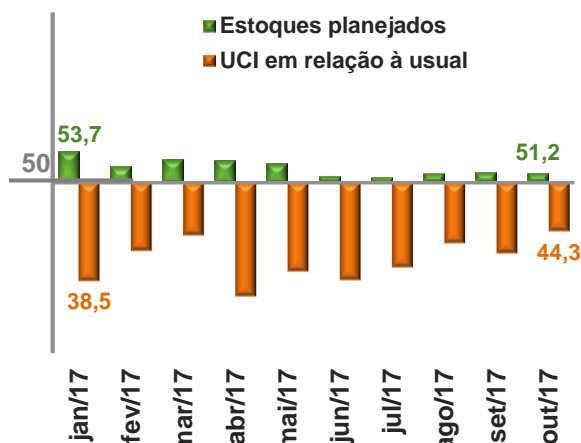
Entre os indicadores divulgados pela Sondagem Industrial do RS, destacam-se, pela capacidade de mostrar outros aspectos do cenário enfrentado pelo setor, o nível de ociosidade, o nível de estoque, os principais problemas enfrentados, as condições financeiras, o acesso ao crédito e a intenção de investimento.

A evolução do indicador de UCI de janeiro a outubro mostra a melhora relativa do setor industrial em 2017, atestando também a elevada ociosidade, que, mesmo ao crescer durante o ano, permaneceu abaixo da marca divisória. Em outubro, o valor foi de 44,3 pontos, o que indica que nesse estágio inicial da recuperação, não há necessidade de investimentos.

Mais um fator positivo apresentado pela Sondagem Industrial em 2017 foi a ausência de estoques excessivos. Vale lembrar que o acúmulo de estoques foi durante anos, sobretudo entre os anos de 2011 e 2015, uma fonte importante de restrição ao desempenho do setor, levando muitas empresas a reduzir jornadas de trabalho e conceder férias coletivas.

De fato, a indústria gaúcha iniciou o ano com excesso de estoques, que ocorre quando o nível efetivo supera o esperado pelas empresas, resultado das expectativas de demanda frustradas. Esse cenário é caracterizado quando o índice de estoques em relação ao planejado supera os 50 pontos. O ano começa com o índice em 53,7 pontos, o maior valor de 2017. A partir de fevereiro as empresas iniciam um processo de ajuste, que se completa já no final do primeiro semestre. Em outubro, o índice alcança 51,2 pontos, o que representa um pequeno acúmulo, muito próximo do nível desejado. Portanto, os estoques não serão obstáculo importante para a continuidade do processo de recuperação da indústria gaúcha nos próximos meses.

Gráfico 3.18. Índices de estoques em relação ao planejado e de UCI em relação à usual
(Em pontos)



Fonte: FIERGS/Sondagem Industrial do RS

A despeito da melhora das condições da economia brasileira, as dificuldades foram muitas em 2017. Repetindo os dois anos anteriores, a carga tributária e a demanda interna continuaram sendo os principais problemas enfrentados na opinião dos empresários gaúchos.

Com a melhora da demanda doméstica, que foi considerado o maior problema no ano passado, a alta carga tributária do país, problema de caráter estrutural, voltou a liderar a lista dos principais entraves enfrentados pelo setor no ano, recebendo quase metade (49,5%) das assinalações. A demanda interna insuficiente, item mais conjuntural, foi a opção escolhida por 43,9% dos empresários.

Com aproximadamente metade dos percentuais dos itens anteriores, as altas taxas de juros (23,0% das assinalações), a inadimplência de clientes (22,6%) e a falta de capital de giro (22,1%) completam o quadro dos cinco principais problemas enfrentados pelo setor em 2017.

Gráfico 3.19. Principais problemas enfrentados - 2017

(Percentual médio dos três primeiros trimestres)



Fonte: FIERGS/Sondagem Industrial do RS.

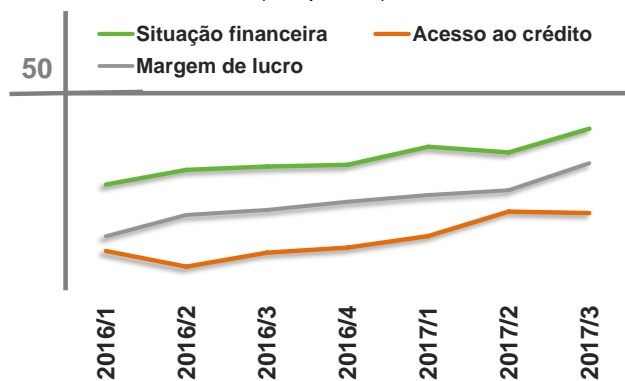
A Sondagem Industrial do RS revelou que durante 2017 as empresas gaúchas continuaram insatisfeitas com as margens de lucro e a situação financeira, embora os indicadores, todos abaixo dos 50 pontos, tenham registrado melhora sistemática nos últimos trimestres e

alcançado os maiores valores desde o primeiro trimestre de 2014. O indicador de satisfação com as margens de lucro operacional registrou 41,5 pontos, enquanto o de satisfação com a situação financeira alcançou 45,7 pontos no terceiro trimestre de 2017, último dado disponível. Já o índice das condições de acesso ao crédito ficou em 35,4 pontos, denotando que o acesso ao crédito continua muito difícil (bem abaixo dos 50 pontos).

Na esteira do cenário econômico menos inóspito, os empresários industriais gaúchos se mostram cada vez mais propensos a investir. Segundo a Sondagem Industrial do RS, a trajetória do índice de intenção de investimento foi ascendente durante o ano, com alguma instabilidade decorrente do cenário político conturbado. Em setembro de 2017, o índice alcança a média histórica (47,1 pontos) e em novembro (51,6 pontos) registra o maior nível desde janeiro de 2015. O valor, contudo, ainda revela uma baixa intenção, pois a indústria gaúcha aguarda resoluções das reformas, como a da Previdência, bem como a melhora expressiva na demanda interna e a redução da ociosidade para retomar os investimentos com mais intensidade, tudo isso caso o ambiente político não deteriore.

Gráfico 3.20. Indicadores de situação financeira

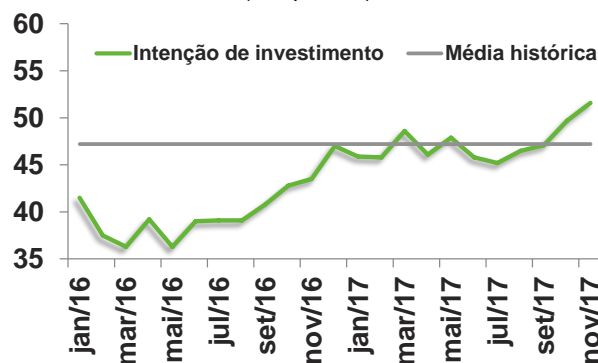
(Em pontos)



Fonte: FIERGS/Sondagem Industrial do RS.

Gráfico 3.21. Índice de intenção de investimentos próximos seis meses

(Em pontos)



Fonte: FIERGS/Sondagem Industrial do RS.

Perspectivas para 2018

O desempenho da indústria brasileira em 2017, da mesma forma que a gaúcha, ratificou as projeções realizadas no final do ano passado. A produção brasileira deve crescer 1,9% em 2017, e a gaúcha, um pouco menos, 1,4%, deixando para trás, depois de três anos seguidos de queda, a maior recessão da história. No mesmo sentido, o Índice de Desempenho Industrial do estado (IDI/RS), calculado apenas para o estado, deve mostrar expansão de 0,6% em 2017.

As perspectivas para 2018 são um pouco mais animadoras, mas nada exuberantes. A indústria brasileira deve manter a tendência atual, de crescimento lento e gradual, até o final do ano que vem, apresentando taxas positivas em todos os três cenários traçados. O que diferencia é a intensidade em cada um deles.

Além do efeito carregamento pouco significativo, o desempenho positivo projetado para 2018 baseia-se num cenário econômico de duplo sentido: a demanda interna, principalmente, e a externa, em menor grau, impulsionando, e o quadro político, restringindo. No primeiro caso, a redução dos juros e da inflação, a geração de emprego, o crédito menos restrito e o aumento das exportações industriais devem contribuir para a manutenção da trajetória de recuperação do setor. No segundo, a incerteza decorrente do cenário político indefinido, gerando riscos ao avanço das reformas e do ajuste fiscal e, por consequência, da economia, segue sendo um componente

limitador importante no ano que vem, podendo impedir que o setor industrial tenha um resultado melhor.

Em todos os cenários propostos, as indústrias brasileira e gaúcha devem apresentar resultados semelhantes.

No **cenário base**, a produção de ambas deve avançar 3,0%. O IDI/RS deve crescer 3,6%.

O **cenário superior** considera a existência de uma aceleração adicional na indústria brasileira e gaúcha, na esteira de melhores condições da economia nacional e internacional. Diante disso, é natural que a indústria tenha um resultado melhor diante de um patamar superior de demanda. Na estimativa para o final do ano, em 2018 a indústria brasileira deve crescer 4,3% e a gaúcha um pouco mais, cerca de 4,3%.

No **cenário inferior**, tanto a produção da indústria brasileira quanto da gaúcha apresentam taxas positivas mais brandas, desacelerando a produção industrial para percentuais próximos de 2017: 1,5% e 1,2%, respectivamente.

Já com relação ao IDI/RS, para 2018, as previsões apontam um aumento de 3,6%, tendo como limites inferior e superior, respectivamente 1,7% e 5,0%.

Tabela 3.3. Perspectivas para a produção industrial do Brasil

(Var. % acum. no ano)

	2016	2017*	Cenários 2018		
			Inferior	Base	Superior
Indústria extrativa	-9,4	5,1	1,5	2,7	3,9
Indústria de transformação	-6,0	1,5	1,6	3,0	4,6
Produção industrial	-6,4	1,9	1,5	3,0	4,3

Fonte: IBGE/PIM-PF. *estimativa. Elaboração: FIERGS/UEE.

Tabela 3.4. Perspectivas para a indústria do RS

(Var. % acum. no ano)

	2016	2017*	Cenários 2017		
			Inferior	Base	Superior
Faturamento real	-10,3	2,7	1,5	5,0	3,8
Compras industriais	-5,6	-0,6	1,7	4,5	7,6
Utilização da capacidade instalada	-0,4	0,6	1,3	1,9	2,6
Massa salarial real	-7,9	1,6	1,4	2,1	2,9
Emprego	-7,1	-1,1	1,1	1,6	2,1
Horas trabalhadas a produção	-5,2	-1,1	1,6	3,2	5,0
Índice de Desempenho Industrial (IDI/RS)	-5,8	0,6	1,7	3,6	5,0
Produção industrial	-3,8	1,4	1,2	3,0	4,3

Fonte: IBGE/PIM-PF. FIERGS/Indicadores Industriais do RS* Estimativa. Elaboração: FIERGS/UEE.